A DIMENSÃO TERRITORIAL DAS FESTAS POPULARES NATALINAS E DO TURISMO: ESTUDO COMPARATIVO DO PATRIMONIO IMATERIAL EM GOIÁS, CEARÁ E SERGIPE[1]

ALMEIDA, Maria Geralda de/UFG[2]
OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro/UFC[3]
VARGAS, Maria Augusta Mundim/UFS[4]

Resumo

Neste texto o propósito de descrever aspectos culturais e patrimoniais dos estados de Goiás, Ceará e Sergipe. As festas natalinas desses lugares são descritas e problematizadas sob um ponto de vista cultural-geográfico-patrimonial. O estudo tem revelado que o tema demanda novos olhares e não se esgota na valorização de bens culturais como fator de desenvolvimento e de cidadania. Com envolvimento das Universidades Federais de Goiás, do Ceará e de Sergipe, estamos desenvolvendo e produzindo conjuntamente a análise das políticas culturais e os seus impactos; a percepção das festas populares; a caracterização do território das festas populares enfocando os pontos fortes e os pontos fracos para o turismo e as oportunidades e ameaças em cada festa.
Palavras chave: Festas Populares. Turismo. Políticas Culturais.

1 INTRODUÇÃO

Os resultados aqui apresentados constituem parte da pesquisa “A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudos comparativos do patrimônio imaterial nos estados de Goiás, Ceará e Sergipe”, desenvolvida desde 2010. Nosso objetivo nessa empreitada comparativa foi de ampliar as reflexões no campo da Geografia, sobre um tema que vem despertando atenção das mais diversas áreas das Ciências: a cultura. Devido ao seu caráter dinâmico, a cultura se situa entre os temas constantemente analisados, investigados, interpretados, enfim, pesquisados. No Ceará, onde se constata a diversidade de manifestações culturais, importantes

---

[1] Pesquisa financiada pelo Edital Pró-Cultura/2009-MINC/CAPES. **Equipe de Goiás**: Maria Geralda de Almeida, Maria Idelma Vieira D’Abadia, Mary Anne Vieira Silva, Isis Maria Cunha Lustosa, Rosiane Dias Mota, Maisa França Teixeira, Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira, Danielle Dantas e Leila Sobreira Bastos. **Equipe de Sergipe**: Maria Augusta Mundim Vargas, Benizário Correia de Souza Junior, Aucéia Matos Dourado, Solimar Guido Messias Bonjardim, Rodrigo Santos de Lima, Ronilse Pereira de Aquino Torres, Denise Renata dos Santos, Angela Fagna Gomes de Souza, Roseane Cristina Santos Gomes, Adriane Álvaro Damascena, Isabella Cristina Chagas Correa, Jorgenaldo Calazans Santos, Maryane Meneses Silveira e Tiago Conceição. **Equipe do Ceará:** Alexandra Maria de Oliveira, Maryvone Moura Gomes, Tiago Vieira Cavalcante, Luiz Raphael Teixeira da Silva, Glaúmer Fernandes de Sousa, Raimundo de Freitas Aragão, Fábio de Oliveira Matos, Vládia Silva, Helion Lima, Lucas Bezerra, Icla Tamara Carneiro, Francisco John Lennon Ferreira, Antonio Evangelista de Oliveira.
[2] mgdealmeida@gmail.com
[3] cdennys@ufc.br
[4] amundim@infonet.com.br

contribuições foram produzidas nos principais centros de ensino e de pesquisa do estado. Goiás, a despeito do interesse manifesto, carece de estudos sistemáticos assim como ocorre com o Sergipe. Portanto, o tema demanda novos olhares, não se esgota e muito ainda está por fazer no que tange à valorização ou ao aproveitamento de bens culturais como fator de desenvolvimento econômico e de cidadania.

O entendimento de cultura, sobre o qual nossa análise encontra-se fundamentada, é baseado na concepção de Geertz (1989, p. 43), que a considera como uma rede tecida pelas sociedades, carregada de significados múltiplos que só podem ser decifrados quando inseridos em seu próprio devir histórico e social.

Nas últimas décadas, o interesse pela cultura, assim como pelo meio ambiente, acarretou *usos* diferenciados desses por diversos sujeitos e agentes. Esse *uso* contribuiu para acelerar as transformações, assim como os impactos, junto às populações, suas manifestações e espaços resultando em paisagens.

As paisagens com marcas sociais e culturais, assinala Claval (1995), formando paisagens culturais, atraem cada vez mais o interesse dos geógrafos. Paisagens culturais em constantes apropriações e usos pelos homens são reveladoras de uma historicidade, das condições de materialidade e de geograficidade de todo fato humano e social. A subutilização, a má utilização ou a inutilização das paisagens culturais por parte dos mais diferentes agentes despertou a preocupação para com a proteção, a conservação e a interpretação do patrimônio, buscando explicações para sua dimensão territorial.

Efetivamente, o conceito de patrimônio é amplo. Engloba paisagens, conjuntos históricos, aspectos naturais, biodiversidade, arquitetura, práticas culturais tradicionais e atuais, conhecimento e experimentação. A utilização desse patrimônio – material e imaterial - em atividades turísticas tem sido recorrente em diversos lugares no mundo já há bastante tempo. A essa utilização, visando, sobretudo, uma revalorização econômica do bem cultural, costuma-se denominar *Turismo Cultural* [5], razão pela qual vários estudos assimilam a discussão sobre turismo para explicar as políticas destinadas ao patrimônio.

---

[5] Na concepção de Cerro (1992), por atrativos turísticos, devemos entender "todo elemento material que tem capacidade própria, ou em combinação com outros, para atrair visitantes de uma determinada localidade ou zona". Para o turismo, tais manifestações são atrativos importantes. São recursos com os quais podemos planejar atividades turísticas. (Cerro, 1992, in RUSCHMANN,1997, p. 45).

No estudo aqui proposto, o turismo é também objeto de discussão na medida em que se relaciona com manifestações culturais, dentre elas a festa. Dessa forma, ao analisarmos como os bens culturais vêm sendo selecionados e utilizados por órgãos governamentais, não podemos deixar de pensar sobre o elo entre cultura, identidade e tradição.

Além disso, esclarecemos o lugar dos diversos sujeitos na criação, na representação e na apropriação dos bens culturais e o significado das políticas públicas, aqui entendidas como aquelas de responsabilidade do Estado - quanto à implementação e à manutenção, a partir de um processo de tomada de decisões que envolve órgãos públicos, diferentes organismos e agentes da sociedade relacionados à política implementada. Em outras palavras, é o "Estado em ação". O processo de definição de políticas culturais para uma sociedade, na opinião de Hofling (2001), reflete os conflitos de interesses, os arranjos feitos nas esferas de poder que perpassam as instituições do Estado e da sociedade como um todo. Assim, uma administração pública que considera como sua função atender a sociedade como um todo, deve estabelecer como prioritários programas de ação universalizantes e que tenham em conta o patrimônio cultural daquela sociedade. Interesses dos grupos detentores do poder econômico devem ser secundarizados.

Nesse sentido, podemos entender a cultura como um conjunto de manifestações construídas, ao longo do tempo, num determinado espaço, por uma sociedade específica que a este conjunto atribui significados. Ou seja, em sua essência, a cultura constitui-se num fenômeno em evolução permanente, um processo dinâmico para o qual contribuem os contatos interculturais e as características ambientais.

Apreendemos a paisagem, marcada por elementos patrimoniais, como uma dimensão do território. Como signo da trajetória da sociedade, a paisagem age ativando a memória, situando as pessoas e definindo identidades. E, no que diz respeito à relação entre festa e religião, ambas foram exaustivamente pesquisadas e analisadas em diversos contextos. Durkheim (1989, p. 456), por exemplo, argumentava que a própria ideia de cerimônia religiosa importante desperta naturalmente a ideia de festa. No seu oposto, toda a festa, pode em suas origens, apresentar determinadas características de cerimônia religiosa, na medida em que "tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência."

Duvignaud (1983), ao tratar do sagrado e do profano nos moldes ditados por Durkheim, dele vai se distinguir pelo fato de negar o caráter de funcionalidade atribuído às festas. A festa não deve ser reduzida ao caráter de utilidade, caso contrário, corre-se o risco de perder de vista sua capacidade subversiva, uma vez que "a vida coletiva é realizada com o imprevisível e o inelutável e que a experiência comum faz romper em fragmentos, no tempo e no espaço, as belas construções unitárias, estruturais ou funcionais" (1983, p. 25). Após as festas, restam as inquietações criadoras das mudanças sociais.

Amaral (1998, p.108) considera a festa como sendo "o modo pela qual uma sociedade se organiza num dado momento histórico". Ela analisou os principais modelos teóricos das Ciências Sociais sobre a festa - Durkheim e Caillois - e observou que os dois modelos foram construídos tendo por referência as festas das sociedades "simples", cujos membros, diferentemente das sociedades "complexas", aderem de maneira um pouco mais homogênea aos valores culturais.

Em seu estudo, concluiu que a festa brasileira – ao mesmo tempo em que nega e reitera o modo como a sociedade se organiza - constitui um "modelo intermediário" entre os dois clássicos. Ou seja, para Amaral (1998, p.109), ela se apresenta "unindo o passado ao presente, o presente ao futuro, a vida e a morte [...], o sagrado e o profano, a fantasia e a realidade, o simbólico e o concreto, os mitos e a história, o local e o global, a natureza e a cultura" .

Segundo Del Priore (2000, p. 10), a abordagem funcional da festa pode ser verificada quando observamos a transformação dela em "exultório para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas na Colônia". A festa transformava-se "numa pausa nas inquietações cotidianas, num derivativo provisório, numa pontual *détente,* numa válvula de escape", ideia criticada por Davis (1990, p.87). Para este, "a vida festiva pode, por um lado, perpetuar certos valores da comunidade (até garantindo sua sobrevivência) e, por outro, fazer a crítica da ordem social."

De acordo com Felsentein e Flischer (2003), o uso de festividades ganhou espaço entre as modalidades de turismo. Isso provocou não só a reativação ou a reformulação dos acontecimentos turísticos, dos já consagrados atos locais de caráter cultural ou religioso, mas também a re-invenção de novas festividades. De fato, a busca de experiências “autênticas” e peculiares de muitos turistas os conduz a acontecimentos tradicionais por eles desconhecidos.

A concorrência do mercado religioso ou de atrativos turísticos abertos e agressivos em sua oferta, contudo, contribui para que cada evento e cada investimento na realização de uma festa se traduzam num processo de espetacularização com intuito de fortalecer sua eficiência material e simbólica, segundo Oliveira (2006). A religião também pode vir a ser espetáculo, divertimento, visão e exterioridade (cores, símbolos).

Atualmente, nos Estados de Goiás, Ceará e Sergipe são as festas os principais agentes de mobilidade e deslocamentos para certos locais onde se realizam festas populares sejam elas de caráter sagrado e/ou profano. Elas estão dispersas pelos vários municípios dos estados. No caso de Ceará, com adensamentos em algumas regiões, conforme mapa elaborado por Oswald Barroso para o Atlas Escolar do Ceará, organizado por Silva e Cavalcante (2004). Em Sergipe, de acordo com o recente inventário cultural (VARGAS; NEVES, 2009), o estado “é uma festa!”, distinguindo-se as festas de massa e as tradicionais. Já em Goiás, elas aparecem ciclicamente ligadas a eventos como Cavalhadas, Procissão de Fogaréu e às tradicionais exposições agropecuárias. Boa parte delas permanece no desconhecimento ou marginalizadas. Isto ocorre, também, pela falta de uma divulgação, a dispersão, o difícil acesso e, em alguns casos, o desconhecimento e o descaso até mesmo por parte da população local.

Apresentam-se a seguir, o mapeamento das festas natalinas dos três estados. Após breve exposição esclarecemos que, por meio das festas levantadas, pretendemos “conhecer melhor a coletividade”, buscando empreender uma análise que contemple tempo-espaço, paisagem-cultura, tradição-modernidade. Acreditamos, como nos propõe Brandão (1989), que não há melhor maneira para se compreender a cultura de um povo, a não ser por meio de sua religiosidade.

2 PAISAGENS E TERRITÓRIOS DAS FESTAS RELIGIOSAS

As festas do ciclo natalino em Goiás, no Ceará e no Sergipe acontecem entre os meses de Novembro e Janeiro. As manifestações católicas reproduzem a encenação do nascimento de Jesus Cristo e a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Em muitos municípios são inseridas neste ciclo as festas de alguns santos padroeiros como São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Penha, Bom Jesus dos Aflitos, Bom Jesus dos Navegantes, Santa Luzia e Santa Inês. Fazem parte deste ciclo as produções e visitações a presépios, lapinhas, cantatas de natal, apresentações de grupos de corais, mas, no entorno das manifestações católicas, secularmente e de forma muito especial no Brasil, são produzidas festas tradicionais associadas à celebração da vida e da vinda de Jesus Cristo, tais como as pastorinhas, reisados, folias de reis, taieiras, cacumbis, cheganças, configurando manifestações populares, muitas delas, sincréticas e definidoras da "festa", a festa da fé do povo brasileiro!

O marco inicial do ciclo natalino é estabelecido com as comemorações a Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro. Em Fortaleza, capital do Ceará, há 260 anos, se festeja todo dia 08 de dezembro Nossa Senhora da Conceição no bairro Messejana. Orações, procissões e quermesses - barraquinhas instaladas no interior de um salão construído para esse fim -, fazem parte da programação do período dedicado à santa. Fato que podemos destacar é a ocorrência da denominada "Pré-festa" que consiste na visita da imagem da santa nas comunidades de Messejana, entre os dias 15 e 27 de novembro. A Missa principal já chegou a contar com a presença de 10 mil fiéis e pudemos observar clara devoção dos fiéis na liturgia pregada pela igreja. Em Sergipe, Nossa Senhora é padroeira de 9 dos 75 municípios, mas é em Aracaju, capital do estado que sua festa adquire destaque pela singular manifestação sincrética. Na mesma data, de 8 de dezembro, comemora-se Oxum. A cidade é "vestida" com o sincretismo. Nossa Senhora da Conceição é reverenciada na Igreja Matriz com alvorada festiva e missas da manhã à noite. A reverência a Oxum demarca a paisagem urbana com vários cultos e cortejos. Inicia-se pela manhã na colina de Santo Antônio, onde os terreiros se reúnem para, em cortejo, alcançarem, por volta das 11 horas, a Igreja Matriz e realizarem o ritual da lavagem de suas escadarias. À noite, todos os terreiros deslocam-se para a praia, na avenida da orla da cidade num ritual espetáculo, que envolve mais de 4 mil mulheres com *abadas,* seguindo o trio elétrico

Afoxé. Beleza e leveza, comandadas pelas batidas do trio, movem uma multidão de assistentes/participantes conformando uma onda humana no ritmo do Afoxé. Nas areias da praia, junto às águas do mar, Iemanjá é reverenciada desde as primeiras horas do dia até a noite. Assim, as toponímias de Oxum e de Iemanjá, marcadas no chão e na areia, fazem suas marcas e vão embora, até o próximo ano.

O dia de Natal é marcado por cultos no interior das igrejas. As “missas do galo, realizadas à meia noite, são cada vez mais raras, assim como as quermesses e ceias nas praças. Algumas ainda ocorrem em pequenos municípios e povoados de Sergipe, de Goiás e do Ceará. Nesses estados, a montagem de presépios e lapinhas envolve as comunidades. Esses lugares constituem-se posteriormente em pontos de visitação. Segundo Cascudo (1986), os povos ágrafos e isolados são como contemporâneos primitivos, associando o sagrado e o profano. O presépio Natalino, nesse contexto, é como símbolo universal do nascimento de Jesus Cristo. Ele inspira os sentidos da arte: encenação, escultura, literatura, música, entre outros.

Tinhorão (2000) argumenta que “antigamente imperava o presépio como símbolo da festa da família, sendo poucas as casas em que não se armava o presépio”. O fator principal para essa aproximação das manifestações natalinas, contudo, foi a predominância da religião católica, principalmente pela universalização do presépio de Natal. No estado de Goiás, ressalta-se o presépio natalino do Santuário da Basílica do Divino Pai Eterno em Trindade/GO e o da Igreja de Santo Antônio em Anápolis/GO, este foi, considerado um dos maiores presépios expostos no interior de uma igreja católica. Outros presépios são exibidos na cidade de Trindade e em outro municípios, constituindo os principais atrativos neste período, apesar de tornarem-se cada vez mais raros.

Os presépios destacam-se pela singeleza de tocar a sensibilidade cristã. Particularmente, no interior do Ceará, suas variações são nomeadas de lapinhas. A popularização dessas lapinhas passou a incorporar características étnicas, geográficas, como também, culturais nas mais diversas comunidades católicas. Os elementos compositores do presépio representam o próprio Natal e a visita dos Reis Magos. Eles configuram uma síntese dos elementos religiosos cristãos/católicos.

Os corais e as cantatas restringem-se ao interior dos templos e são comuns também nas festas dos santos e das santas que são comemorados nesse período,

como Santa Luzia, no dia 13 de dezembro, que, além de novenas, é reverenciada com procissões nos três estados.

A comemoração do Natal está se tornando cada dia mais uma manifestação urbana, com a presença de símbolos como a árvore de Natal e do Papai Noel. Em contrapartida, os elementos populares tradicionais como a lapinha, os presépios e as quermesses estão cada vez mais distantes, resistentes num espaço periférico dos grandes centros.

Em Fortaleza, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é um espaço destinado ao encontro das pessoas, ao fomento e à difusão da arte e da cultura. O espaço foi idealizado pelo Secretário da Cultura do Ceará, o jornalista Paulo Linhares, na década de 1990. A programação do ciclo natalino no Centro é nomeada *Natal de Luz* e conta com apresentações de grupos de todo estado do Ceará. São territorializadas nesse espaço, manifestações culturais típicas do período natalino como Pastoril, Reisado, corais e autos de natal que animam as plateias bastante numerosas. Destaque ainda para o formato de participação dos grupos que concorrem editais da prefeitura para se apresentarem no espaço Rogaciano Leite do Centro. Tal iniciativa denota a importância do papel do estado em incentivar, espetacularizar e exibir os rituais de natal, sobretudo, dos interiores no centro cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Já o Município de Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza, conta com a festa *Natal de Brilho*, que se estende de 20 a 25 de dezembro, patrocinado pela prefeitura. O evento, também em formato de espetáculo, conta com apresentações de corais, Pastoril, grupos de dança, grupos de teatro e grupos de Reisado. Na rua em frente à praça, ocorre uma feirinha de artesanato com venda de bijoux, bonecas de pano, tapeçaria, quadros, arranjos, sandálias, caixas de madeira, além de comidas e bebidas.

Na simbologia cristã católica, a comemoração do Natal é demarcadora do fim do Advento, período de quatro semanas que antecede o nascimento de Cristo, mas também o início da Epifania, que celebra a manifestação de Jesus aos Reis Magos. O natalício de Jesus marca também o solstício de verão comemorado em cultos, nas praças e ruas. Daí a profusão de comemorações de santos e manifestações. Cultos, novenas e missas especiais demarcam o território dos templos e os bailados de vários ritmos, cores e formas redefinem as praças e as ruas, num refazer tradicional e popular da fé e da vida.

A Folia de Reis é uma manifestação religiosa de destaque em Goiás. Consiste numa memória do relato bíblico, livro de Mateus, capítulo dois, da jornada dos Reis Magos (Gaspar, Baltazar e Melquior), que viajaram do Oriente a Belém. As Folias de Reis, presentes neste estado, se concentram, significativamente, na Região Metropolitana de Goiânia, pois são mais de 25 grupos somente na Capital. As festas de outros santos presentes no ciclo natalino, mas distintos da concepção da natividade, também aderem ao formato de folias para suas celebrações. É o caso da Folia e Festa em homenagem a São Sebastião, que ocorrem no mês de Janeiro em Jesúpolis e Uruaçu. Em Jesúpolis, a Folia teve início com uma promessa de um devoto. Mesmo após o cumprimento da promessa, houve continuidade da folia. Os moradores do município de Jesúpolis identificaram-se com a manifestação e começaram também a fazer promessas e cumprir votos ao santo. De acordo com o fundador da Folia, o evento se "transformou numa tradição do município de Jesúpolis". Segundo ele, por meio dessa manifestação, há a união entre amigos, demonstração de fé e devoção a São Sebastião.

Os "giros" de Folias são divididos em três partes. A primeira consiste na saída da procissão. Nesse momento, os grupos realizam cantorias e rezas agradecendo ao "santo da bandeira" a oportunidade de demonstrar sua devoção e pedem proteção para conseguirem cumprir a "missão" de realizar o "giro" até a entrega. A segunda parte consiste no "giro" propriamente dito. Os foliões saem de casa em casa, cantam, rezam e pedem esmola para a realização da festa de entrega. Durante o "giro", ocorrem os "pousos de folia", que são almoços e jantares oferecidos pelos devotos. Após essas refeições, os pousos ganham outra animação, quando acontece a dança da catira ou a curraleira. Existem outras folias como a do Divino Espírito Santo que faz os giros nos meses de junho e julho. Cabe ressaltar que o turismo tem dado impulsos para que as apresentações das folias ocorram fora do seu contexto religioso e tradicional.

A Festa de São Sebastião, que ocorre no município de Uruaçu, Goiás, tem duração de dez dias. Essa manifestação acontece há mais de trinta anos como forma de arrecadar recursos para a Igreja e é organizada pela Paróquia de São Sebastião. A programação religiosa é composta por novena seguida de missa e "quermesses", além dos leilões. São dezenas de barracas que comercializam alimentos - batata frita, cachorro quente, sorvete, pamonha, pastéis, salgados, caldos, frango assado entre outros. O pároco da Igreja de São Sebastião afirma que

a festa é tradicional, porém, algumas práticas ressignificam-na, como a presença da imagem do Divino Pai Eterno do Santuário de Trindade durante a procissão e a venda de CD's e camisetas. O pároco da Igreja informou que a comercialização dos artigos religiosos citados foi um pedido do Santuário de Trindade, pois é uma forma de arrecadar recursos financeiros para Basílica do Divino Pai Eterno.

No Ceará, assim como em Sergipe, os grupos de Reisado são numerosos e não se denominam "Folia" como em Goiás. Existem grupos tradicionais e outros tantos formados por jovens inseridos em projetos de políticas públicas de inclusão, mas todos com *performance* de autos religiosos seguidos de versos profanos, que não deixam de louvar o nascimento. Outra característica desses grupos é que as apresentações não se restringem ao período natalino. Eles dançam o Reisado o ano todo, em outras comemorações religiosas e cívicas. Há muitas variações dos Reisados. As figuras principais variam dos palhaços, cuja função era despistar os soldados de Herodes para que não encontrassem a Virgem Maria fugindo com o menino Jesus, até o "caboclo" e o "boi janeiro", que lutam em cena, ao som de sanfonas, cavaquinho e pandeiros. Os cortejos podem ser longos pelas ruas das cidades ou restritos a apresentações em palcos e praças.

As festas de outros santos presentes no ciclo natalino, mas distintos da concepção da natividade, aderem ao formato de Folias em Goiás, como já citado na comemoração de São Sebastião. O cenário festivo é composto também pelas catiras, principalmente nos municípios de Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Silvânia e São João D'Aliança.

De acordo com Rédua (2010), a manifestação cultural da catira está presente pelos interiores do Brasil, destacando-se o estado de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Tocantins e, principalmente, o estado de Goiás. Essas danças se desenvolvem por meio de um ritmo de sapateado brasileiro semelhante a um 'bate-pé' ao som de palmas e violas. Pode ser exercitado somente por um grupo de homens ou também por um grupo de mulheres.

A catira tradicionalmente faz parte de outra manifestação cultural popular em Goiás, a Folia de Reis, pois de acordo com vários autores, é uma dança folclórica que vem por meio de uma divindade para complementar o que se tem na folia. Assim, o grande papel da catira, quando inserida na Folia de Reis, é exclusivamente animar os foliões bem como atrair o público. Sua espacialização no estado de Goiás é tão significativa quanto as Folias. A dança é marcada por violas e batidas das

mãos, uma contra as outras. Ela ainda se embeleza pelos trajes comuns utilizados pelo grupo: chapéu, botina, calça comprida, camisa manga longa e gravatas de lenços. A coreografia é alternada em cada região, o estado de Goiás, baseia-se principalmente na linha *country* americana.

Ainda conforme Rédua (2010), a dança inicia-se com puxado do violeiro com seu rasqueado[6] e os dançadores que fazem a 'escova', ou seja, um bate-pé e bate-mão. Logo, o violeiro canta parte da moda ajudada pela segunda voz, e assim, voltam ao rasqueado. Os dançadores entram no bate-pé, bate-mão intercalados por pulos, transpasses e voltas. Quando encerra a moda, eles realizam o que se denomina 'Serra Acima', na qual rodam uns atrás dos outros, da esquerda para a direita, mantendo os movimentos de pés e mãos. Feita a volta completa, os dançadores viram-se e se voltam para trás, realizando a chamada 'Serra Abaixo'. Ao terminar cada um deve estar no seu lugar, a fim de executar novamente os ritmos dos pés e das mãos.

Encerra-se o recortado, no qual as fileiras trocam de lugar e assim também os dançadores, até que os violeiros se colocam na extremidade oposta e depois voltam aos seus lugares. Durante o recortado, depois do 'levante', no qual todos levantam a melodia, cantando em coro, os cantadores entoam quadrinhas em ritmo vivo. No final do recortado, os dançadores concluem numa evolução mais acentuada do bate-pé, bate-mão e dos pulos, que exige uma maior coordenação e preparo físico.

Em Sergipe, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, protetores dos negros, são comemorados no ciclo natalino, com destaque para as cidades de Laranjeiras e Japaratuba que, ao promoverem festivais e encontros culturais, proporcionam a reunião de grupos de religiões e manifestações populares diversas. O Maracatu, a Taieira, o Pastoril, a Chegança, o Cacumbi e o Guerreiro, principalmente, são encenados em várias localidades, com destaque nos citados encontros culturais. As Taieiras e o Pastoril dançam e cantam versos de louvação aos santos. Já o Cacumbi é uma variação de autos e bailados como Congada, Guerreiro e Reisado, mas igualmente, tem como objetivo a louvação a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. Em Japaratuba, a coroação da rainha do Cacumbi ocorre no dia da procissão de São Benedito e ela tem lugar de destaque na procissão católica. O Maracatu, o Guerreiro e a Chegança se distinguem por não

[6] No meio popular, o rasqueado significa a música popular que tem as suas origens nos ritmos que formaram posteriormente a música popular brasileira.

encenarem rituais de louvação. Cada um, à sua maneira, insere-se, contudo, nos festejos dos Santos. O Maracatu não possui um enredo para exibição, pois “desfila” em homenagem ao santo protetor e ao som de batuques, personagens reais africanos: rei, rainha, príncipe, princesa, vassalos, ministros, cavaleiros, lanceiros, porta-bandeira e tocadores dançam, dão umbigadas e fazem reverências.

O Guerreiro, assim como a Chegança, são autos que se manifestam durante a maioria das festas religiosas do período natalino e se constituem de jornadas. A Chegança resulta de uma promessa feita por tripulantes durante uma tempestade. A embarcação ancorou no dia 6 de janeiro e a primeira igreja que encontraram para agradecer foi a de São Benedito. Assim, piloto, capitão tenente e demais componentes vestem trajes de marinheiro e, em fileiras, desenvolvem coreografias que imitam o balanço de um barco, ao som de marchas. O Guerreiro conta a história de uma rainha que se envolve com o índio Peri. O rei “dança” uma luta de espada com o índio e o combate termina com sua morte. Os componentes (contra-mestre, embaixador, tocadores, vassalos, dentre outros) intercalam passos de danças com charadas e louvações.

Em Goiás, a Festa de São Benedito, especial protetor dos escravos e dos povos negros ocorre na cidade de Goiás no início do período natalino com missas, procissões e expressões da cultura afrodescendente, tais como o Congo, a Catira e a Capoeira Angola. Entretanto, alguns municípios como Itapaci, Santa Cruz de Goiás, Acreúna, Itaguari realizam as Festas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário nos meses de junho e julho.

Em Janeiro, ainda comemoram-se Nossa Senhora da Glória, Santo Amaro, São Cristóvão e Bom Jesus dos Aflitos, mas é Bom Jesus dos Navegantes quem se destaca como um dos festejos católicos mais significativos de Sergipe e Ceará. Ele é festejado à beira de rios em inúmeros municípios e povoados, com cortejo terrestre e fluvial. O percurso fluvial é geralmente aplaudido por fiéis em canoas e às margens, com muitos fogos de artifício. Em Aracaju, ocorrem duas procissões dedicadas a Bom Jesus dos Navegantes, sinalizando a sua importância para os pescadores e fiéis ribeirinhos.

Em todas as festas, a imagem do Santo consiste no principal elemento da paisagem festiva. Nos rituais católicos, geralmente, a imagem é fixada em uma bandeira que segue à frente da procissão, e também fica exposta na sala de estar, na qual é erguido um altar, espaço onde abriga o encontro dos foliões, moradores e

visitantes. Nas manifestações populares, o elemento paisagístico de destaque é o alferes da bandeira nas folias e os condutores dos estandartes dos folguedos.

Ocorrentes em casas, templos, praças, ruas e rios, as festas invadem os lugares, distinguem-se do tempo do trabalho, rompem madrugadas, marcam sons, ritmos e saberes múltiplos nos gestos e nos instrumentos, mas sempre agregadas à fé e aos festejos da fé. Terminado janeiro, outros santos esperam suas reverências nos templos, mas os grupos populares guardam seus apetrechos e vestimentas até o próximo ciclo, ou como vem ocorrendo, aguardam convites para apresentações esporádicas, ao se espetacularizarem, conforme já foi mencionado. São, assim, transformadas em atrativos turísticos.

3 FESTAS, DIMENSÕES EM ABERTO: PERMANÊNCIAS E MUTAÇÕES

Embora tendo sentido ecumênico, as festas natalinas tornam-se ruidosas quando a elas incorporamos as manifestações populares ocorrentes no entorno das celebrações. Como separar a fé de quem dança e evolui nos folguedos daqueles que rezam novenas e ladainhas aos santos! Muitas festas elaboram-se entre a lógica dos conteúdos daquilo que permanece e renovam-se nas representações da religião, da fé e da identidade de cada indivíduo e de sua construção coletiva.

As festas são preparadas, custeadas, planejadas e montadas segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana. As festividades envolvem a participação coletiva da sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; articulam-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva, modificando a paisagem e o território do local onde acontece.

Em vista de tudo isso, o presente trabalho procurou apreender a paisagem e o território formado pelas festas religiosas presentes nos três estados, buscando compreender mobilidades, permanências, mudanças, e singularidades de cada evento. Mostramos a existência de diversas festas religiosas com configurações e sentidos próprios, jeito ímpar de se manifestar. Com efeito, embora as festas de origem católica do ciclo natalino girem sempre em torno da celebração do nascimento de Jesus, o calendário das festas populares é permeado pela influência africana e indígena.

Constatou-se, no decorrer do texto, que as festas religiosas são majoritariamente de padroeiro, seguem os mesmos ritos, diferenciando-se pelo santo de devoção e pela manifestação dessa devoção. Algumas festas congregam, contudo, elementos mais voltados para a valorização cultural mesmo estando relacionadas à Igreja Católica. A festa de padroeiro possui um sentido peculiar na vida do fiel, pois significa o dia de agradecer as bênçãos recebidas, de comunhão com a Igreja e seus ritos. A presença do fiel na festa, além de um compromisso com a religião e um sinal de devoção, é também possibilitar a sociabilidade e a solidariedade. A festa é o dia de encontrar amigos e familiares, se divertir, enfim, festejar. As manifestações populares, igualmente tradicionais, ampliam o festejar agregando vestimentas, ritmos e sons que extrapolam os limites permitidos nos rituais dos templos. Saem para o resguardo de uma herança de família, lembrando as pisadas, as marcações e as histórias dançadas pelos antepassados. Daí a constituição de grande parte dos grupos ser predominantemente de familiares e nomeadas como, por exemplo, o Cacumbi de João, o Pastoril de Josefa.

No percurso das tradições, identificamos certo deslocamento das festas para a espetacularização, tal como em eventos de massa. Por um lado, novenas, ladainhas, missas e a formação dos grupos populares permanecem limitados à devoção e à herança. Por outro, estão cada vez mais inseridos em grandes eventos de massa que se realizam após os rituais e as danças de rua. Está se tornando comum a montagem de palcos com *shows* de bandas que se apresentam à noite, muitas das vezes, esvaziando as festas de fé. Tais sinais nos remetem à discussão e ao aprofundamento do sentido do turismo religioso, bem com das políticas públicas, sobretudo, devido à forte participação de governos no patrocínio de *shows* de massa.

A despeito dessas constatações, as manifestações presentes no ciclo natalino representam a identidade e a reprodução de costumes sociais em um momento festivo, de convívio social e de devoção. Os elementos da paisagem festiva consolidam seus significados individual ou coletivamente nos participantes das festas.

Os estudos empreendidos até o momento instigam a dar continuidade no mesmo tema, aprofundando e avançando no conhecimento já existente. Com tal Projeto, repetimos, acreditamos contribuir para investigações geográficas sobre a dimensão territorial das manifestações culturais, as paisagens culturais; para

repensar as políticas públicas relacionadas à apropriação de bens culturais e sua utilização em diversos setores da sociedade, não somente no estado do Goiás, no Ceará, em Sergipe, bem como em outros estados que têm a mesma preocupação. Além disso, por meio de tal projeto, acresce-se, poderemos conhecer políticas de preservação das tradições culturais da história e memória do povo e com elas colaborar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de C. A alternativa da festa a brasileira. In: *Sexta-Feira*, ano 2, Vol. 2. São Paulo: Pletora, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. *A Cultura na Rua*. Campinas/SP: Papirus, 1989.

CASCUDO, L. da C. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1986.

CLAVAL, Paul. *La Géographie culturelle*. Paris: Nathan, 1995.

DAVIS, Natalie. *Culturas do Povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (1a. reimpressão).

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Trad. e nota introdutória L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza/CE: Ed. Universidade Federal do Ceará/RJ: Tempo Brasileiro, 1983.

FELSENSTEIN, D; FLEISCHER, A. Local Festivals and Tourism Promotion: the role of the public assistance and visitor expenditure. *Journal of Travels Research*, 2003, 41.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HOFLING, E. M. Estado e políticas (públicas) sociais". *Cadernos Cedes*. Ano XXI, n. 55, novembro/2001, p.30-41.

OLIVEIRA, Christian D. M. A Geografia das festas do interior. mediações culturais entre religiosidade, turismo e educaçao. In SILVA, J. B. et alii.(orgs). *Litoral e Sertão. Natureza e sociedade no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p.127-138.

RÉDUA, W. C**.** *Catira: música, dança e poesia do mundo real (Uberaba século XX).* 202f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Turismo e planejamento sustentável:* a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.(Col. Turismo)

SILVA, José B.; CAVALCANTE, Tércia, C. *Atlas escolar*: espaço geo-histórico e cultural. Joao Pessoa: Grofset, 2004.

TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. 34. Ltda, 2000.

VARGAS, M. A M; NEVES, P. S. da C. *Inventário cultural de cada um dos oito territórios de Sergipe.* Relatório. Aracaju: SEPLAN, 2009.